

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Jesus e as multidões [Jesus and the crowds]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Wondracek Krüger, Hariet
Publisher	Faculdade Batista Pioneira
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-05-16 22:49:48
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/233971

JESUS E AS MULTIDÕES: UMA ANÁLISE NOS EVANGELHOS SINÓTICOS A RESPEITO DE SUA FORMA DE COMUNICAÇÃO EM PALCOS

**JESUS AND THE CROWDS: AN ANALYSIS IN THE SYNOPTIC GOSPELS ABOUT
THEIR FORM OF COMMUNICATION ON STAGE**

Hariet Wondracek Krüger¹

RESUMO

Nos Evangelhos Sinóticos Jesus se apresenta como um hábil professor, mostrando às pessoas reunidas as verdades a respeito do Pai de forma clara e simples. Vários palcos foram utilizados por Ele, de tal forma que todos pudessem ouvir Sua voz e entender Sua mensagem. Jesus falou na sinagoga, onde o estudo da Lei e dos Profetas era comum, e havia um lugar específico para isso. Mas também se utilizou de barcos na beira do mar, do monte das bem-aventuranças e do pátio do templo em Jerusalém. Seus ensinamentos a partir desses lugares serão analisados à luz do conteúdo apresentado e da forma como a multidão o recebeu, deixando algumas diretrizes importantes para o uso do palco evangélico atual.

Palavras-chaves: Palavra. Palco. Multidão. Ensino.

ABSTRACT

In the Synoptic Gospels, Jesus presents himself as a skilled teacher, showing people gathered truths about the Father clearly and simply. He employed several

¹A autora é Bacharel em Música (STBSB), Bacharel em Sociologia (Unijui), Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional (UNINTER), Mestre em Teologia (Ministério da Música) pelo STBSB (curso livre) e Mestranda em Teologia Profissional na FBTP. É professora da FBP. E-mail: harietwk@hotmail.com

makeshift stages, so that everyone could hear His voice and understand His message. Jesus spoke in the synagogue, where the study of the Law and the Prophets was common, and there was a specific place for it. However, He also employed boats in the beach, hill of the Beatitudes and the courtyard of the temple in Jerusalem. His teachings from these locations will be analyzed in light of the content presented and how the crowd received it, leaving some guidelines for the use of the current evangelical stage.

Keywords: Word. Stage. People. Teaching.

INTRODUÇÃO

Quando se pensa no povo de Deus do Antigo Testamento, pode-se imaginar um grande palco público onde as nações deveriam ver a ação sobrenatural do Criador, como um “livro aberto” para o mundo.² Essa ideia de visibilidade, de um lugar privilegiado ocupado pelas pessoas regeneradas por causa de sua relação viva com Deus, onde a sociedade possa observar Seu poder e Sua glória refletidos em suas vidas e ações, é reconhecida também no ministério terreno de Jesus.

Percebe-se, no estudo dos Evangelhos, que Cristo sempre deu atenção especial às multidões que O seguiam, e quis ser visto e ouvido por elas. Eram compostas por pessoas de várias origens, categorias socioculturais e interesses, inclusive pelo grupo que O observava criticamente. A não ser nos momentos em que desejava estar sozinho para orar ou descansar, na maior parte do tempo a multidão O acompanhava, interessada em Sua obra de revelar o Deus de amor ao povo abatido e desanimado em relação à sua eleição.

Ao se pensar em “multidão”, pode-se imaginar um número variável de pessoas, agrupadas por motivo de circunstâncias. Nesse caso, a circunstância era a presença de Jesus, que amava as pessoas, sentia compaixão por elas como de ovelhas que não têm pastor, já que corriam o risco de se extraviarem e se perderem. Foi também a multidão que se tornou testemunha de Seus feitos milagrosos, de Sua autoridade como Messias, embora fosse volúvel e interesseira em muitos momentos. Mas abrange a todos: fariseus, publicanos, discípulos, saudáveis e doentes, crédulos e descrentes, fiéis e infiéis, ricos e pobres.³ Aliás, essa é uma das principais características da multidão em si: a heterogeneidade.

Assim, diante de tantas pessoas e de classes tão diversas, Jesus apresentou-se muitas

² WRIGHT, Christopher J. H. *A missão do povo do Deus: uma teologia bíblica da missão da igreja*. Tradução de Waléria Coicev. São Paulo: Vida Nova, 2012. p. 156.

³ ALLMEN, Jean-Jacques (Org.). *Vocabulário bíblico*. 3. ed. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 2001. p. 360-361.

vezes em lugares visíveis para que pudesse enxergar a todos, bem como ser visto e ouvido de forma clara. Na realidade, embora a Bíblia não fale em “palco”, é historicamente reconhecido o ambiente cultural em que Seu ministério estava inserido, e que o incluía. A Palestina era um dos lugares onde a cultura grega tinha se inserido, e ginásios, teatros e estádios foram construídos. Costumes gregos eram parte importante da vida na época de Jesus.⁴ Dessa forma, o povo estava habituado à ideia de observar alguém em plano mais alto, que estivesse se apresentando num palco. Jesus aproveitou esse ambiente e recriou-o como algo marcante no Seu ministério. No desempenho desse papel destacam-se as sinagogas, os barcos à beira do mar, o monte do sermão e, finalmente, o templo em Jerusalém.

Quais as marcas deixadas por Jesus nos lugares em que esteve em evidência junto às multidões? Este artigo pretende discutir algumas das diretrizes importantes para a comunicação da vontade de Deus às pessoas agrupadas, que estão dispostas, durante certo tempo, a escutar a respeito das verdades eternas da salvação. Seu tempo de atenção é limitado, e os lugares são variados, mas a atitude do Mestre foi uma só: clareza e simplicidade, para que não fossem deixadas dúvidas sobre quem Ele era e o que viera fazer na Terra.

I. AS SINAGOGAS

As sinagogas eram importantes para os judeus. Na realidade, tinham funções múltiplas para a comunidade: eram o centro local de estudo da Lei, da realização dos cultos e das orações. Homens e mulheres se reuniam nesse local, separadamente, para ouvir a explanação de passagens da Escritura. Durante a semana funcionava como centro comunitário, escola e núcleo do governo local.⁵

O termo “sinagoga”, do grego *synagoge*, significa “casa” ou “lugar de reunião”. Havia muitas nos tempos de Jesus, espalhadas por todo lugar onde houvesse vilas ou cidades. Embora a beleza arquitetônica não fosse o interesse principal, várias são de beleza impressionante. A sinagoga também pode ser reconhecida como elemento central no judaísmo. Sua origem parece remontar ao exílio babilônico, devido à inexistência do templo propriamente dito nesse lugar. No tempo de Jesus havia sinagogas em todos os lugares, sendo frequentadas por Ele regularmente.⁶

⁴ALEXANDER, Pat; ALEXANDER, David. *Manual bíblico SBB*. Trad. Lailah de Noronha e Sociedade Bíblica do Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008. p. 523.

⁵ALEXANDER; ALEXANDER, 2008, p. 528.

⁶BARBOSA, Gilson. *A importância da sinagoga na cultura judaica*. Disponível em: <<http://www.icp.com.br/83contexto.asp>>. Acesso em: 1º fev. 2014.

A planta do prédio da sinagoga, conforme ruínas de várias delas, apresenta um prédio retangular voltado para o norte e para o sul e com colunas internas. No local destinado à congregação, homens e mulheres sentavam-se em lugares separados. Também havia lugares específicos para os castigos decretados pelas autoridades. No lugar mais importante estava a estante ou o púlpito, onde também ficavam guardados os rolos das Escrituras e de onde eram lidas. Ali também havia lugares especiais para as pessoas mais importantes, que eram os ricos e os anciãos.⁷

O livro de Neemias descreve o momento da leitura da lei, feita por Esdras, como um ato realizado em “um estrado de madeira, construído para a ocasião” (Ne 8.4, versão NVI). O texto seguinte é ainda mais explícito: “Esdras abriu o Livro diante de todo o povo, e este podia vê-lo, pois ele estava num lugar mais alto. E, quando abriu o Livro, o povo todo se levantou” (Ne 8.5, versão NVI).

A sinagoga dos tempos de Jesus preservou este costume. Havia um lugar especial, um tipo de tribuna chamada *bimá*, de onde se lia a Torá, os profetas falavam e eram proferidas as bênçãos.⁸ Seu lugar era privilegiado: em frente à arca, do lado leste, em direção a Jerusalém. A própria tradução da palavra, “púlpito”, especifica sua função dentro da sinagoga.⁹

Quando Jesus iniciou Seu ministério público, de acordo com o Evangelho de Lucas, dirigiu-se a este importante lugar na sinagoga de Nazaré. Interpretou a passagem de Isaías 61.1-2 indicando a Si mesmo como porta-voz de Deus ou Seu Ungido para anunciar as Boas Novas do Reino e a libertação dos cativos. Após os dias de tentação no deserto, cheio do Espírito voltou para a Galileia (Lc 4.14). Os versículos seguintes são claros quanto ao Seu hábito de “ensinar na sinagoga” (v. 15-16). Ao terminar a leitura, devolveu o material ao assistente e sentou-se, mas todos os olhos permaneceram fitos Nele (v. 20).

Como a sinagoga era lugar de ensino religioso, Jesus a frequentava muitas vezes para pregar. Especialmente aos sábados, poderia prever um número maior de ouvintes dispostos a aprender a respeito do Reino de Deus. Os judeus concediam liberdade a pessoas que tivessem algo a transmitir. Portanto, todo israelita bem conceituado e instruído obtinha licença do líder da sinagoga para falar ao público.¹⁰

⁷ DAVIS, John D. *Dicionário da Bíblia*. 13. ed. Tradução de J. R. Carvalho Braga. Rio de Janeiro: JUERP, 1987. p. 563.

⁸ BARBOSA, 2004.

⁹ GARDNER, Calvin. *Costumes hebraicos*. Disponível em: <http://www.palavraprudente.com.br/estudos/robert_j/costumehebraico/cap03.html>. Acesso em: 03 fev. 2014.

¹⁰ FILLION, Louis-Claude. *Enciclopédia da vida de Jesus*. 2. ed. Tradução de Jefferson Magno Costa, João Lira e Reginaldo Costa. São Paulo: Central Gospel, 2008. p. 434.

Nas diversas sinagogas que Jesus percorreu, vários de Seus sermões foram pregados e muitas vezes Ele recebeu do povo sentimentos antagônicos como admiração, rejeição, reverência ou inveja. A primeira reação desfavorável foi demonstrada por Seus concidadãos de Nazaré: como o filho de José, o carpinteiro, poderia transmitir a mensagem com tanta autoridade? Ao serem confrontados com sua incredulidade, “todos ficaram furiosos” (Lc 4.28) e até mesmo queriam matá-Lo.

Um bom resumo de Seu ministério nas sinagogas da Galileia pode estar em Mateus 4.23: “Jesus foi por toda a Galileia, ensinando nas sinagogas deles, pregando as boas novas do Reino e curando todas as enfermidades e doenças entre o povo”. Mas havia uma grande diferença: Jesus ensinava “como alguém que tem autoridade, e não como os mestres da Lei” (Mc 1.22). O contraste estava justamente no conteúdo da mensagem: o Evangelho, que significa “boas novas”. Grandes multidões O seguiam porque, ao pregar, introduzia, anunciava e proclamava a boa notícia de que o Reino de Deus havia chegado ao povo.¹¹

Até mesmo os milagres que Jesus realizava nas sinagogas tinham como objetivo mostrar o Deus que curava. Estava sendo cunhada, naqueles tempos novos, uma imagem diferente de Deus: o Deus que curava. E Jesus era o operador dos milagres. O ensino teórico dos mestres da Lei estava sendo substituído pela realidade corporal, pela experiência.¹² O fato de se encontrar no centro da sinagoga, em lugar mais alto, perto do lugar onde guardavam os rolos da Lei, revela que estar diante de pessoas exige que a mensagem seja explanada com clareza, visibilidade e convicção.

O palco da sinagoga preencheu totalmente suas funções: ensino da Palavra de Deus, anúncio da vinda do Seu Reino e glorificação do Seu nome como Messias. Pode também ser considerado improvisado, pois estava destinado ao estudo da Lei e dos Profetas. Mas Jesus o utilizou de forma diferente: ensinou a respeito de salvação e cura, mesmo no sábado, respeitado de forma tão rígida pelos judeus da época.

2. OS BARCOS NA BEIRA DO MAR

Em várias ocasiões, os Evangelhos descrevem Jesus subindo em barcos ancorados na beira do mar. O ambiente descrito por Marcos é simples: quando começava o ensino, a multidão começava a crescer. Para poder continuar Sua tarefa, Jesus entrava

¹¹ HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: Mateus*. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. v. 1, p. 348.

¹² BERGER, Klaus. *Hermenêutica do Novo Testamento*. Tradução de Nélcio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 1999. p. 337-338.

no barco e se assentava, enquanto o povo ficava à beira da praia (Mc 4.1). A postura de se assentar durante o ensino era comum entre os mestres judeus, portanto foi utilizada de acordo com os costumes da época. Antes da pesca milagrosa (Lc 5.1-3), utilizou o próprio barco de Simão para ensinar.¹³

Os barcos dos pescadores eram frequentemente amarrados na praia, e seus donos lavavam as redes ali mesmo, tirando ervas, lodo e galhos secos de suas malhas. Foi um barco desses que se transformou em púlpito improvisado.¹⁴ Fica claro que Jesus, ao ensinar, colocou-se propositadamente em lugar mais alto e na postura de mestre da Lei. Na primeira ocasião em que isso aconteceu, Ele ensinou muitas coisas por parábolas. Em Mateus 13 aparecem quatro delas seguidas: a do semeador e sua interpretação, a do joio, a do grão de mostarda e a do fermento. Só então Ele deixou a multidão e foi para casa (v. 36). Foram muitos os ensinamentos (Mc 4.33), mas Jesus manteve todos atentos, auxiliado por Sua atitude naquele momento importante.

O evangelista Marcos se refere ao barco também como forma de escapar do aperto da multidão (Mc 3.9-10). Esta era crescente: achegavam-se pessoas de várias regiões (v. 8), que ficavam se empurrando para serem curadas, podendo causar danos ainda maiores. Assim, houve organização de espaços suficiente para que ninguém se ferisse e para que Sua presença continuasse a ser centralizada como o Filho de Deus poderoso, reconhecido pelos espíritos maus (v. 11).

Neste contexto, pode-se perceber o quanto Jesus enfatizava o ensino das coisas espirituais. Mais que a tentativa vã do ensino vindo da Lei e de seus exigentes mestres, era a “proclamação da intervenção decisiva de Deus na História”.¹⁵ O Reino de Deus era o centro das histórias contadas a partir do palco improvisado e visto nos sinóticos como tema favorito do Mestre.¹⁶ Sem o palco, Sua voz não poderia se projetar de forma audível, Sua expressão facial passaria despercebida pela maioria, Seus gestos não seriam notados. Além disso, a multidão, ávida de milagres, não prestaria atenção a Suas palavras, concentrando-se em buscar contato físico com suas vestes para que obtivesse a cura desejada. Esse não é, entretanto, o motivo principal de Suas reuniões com a multidão. Jesus certamente tinha vindo para que a mensagem de Deus fosse finalmente entendida na sua totalidade. Ele sabia que a multidão era formada por diversos tipos de pessoas, mas, mesmo assim, chama a atenção para a necessidade do abandono de

¹³ BÍBLIA de estudo NVI. Tradução das notas: Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2003. p. 1680.

¹⁴ FILLION, 2008, p. 422.

¹⁵ ALLMEN, 2001, p. 459.

¹⁶ MORRIS, Leon. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2003. p. 127.

velhos padrões externos em busca de renovação interior. Howard Marshall assim se refere ao assunto:

Jesus partiu do pressuposto de que sua audiência era formada por pessoas com necessidades de ordem física, social e espiritual. Ele criticou a forma de religião praticada pelos fariseus em razão de sua insistência quanto à observação das minúcias da lei, seu foco na observância de práticas exteriores, sem levar em conta a atitude do coração, e seu total desinteresse para com os que não correspondiam às expectativas de tais padrões.¹⁷

O ensino à beira-mar, em cima de barcos, não enfatiza milagres. É verdade que muitos deles ocorreram depois que Seus ensinamentos foram ouvidos. Jesus multiplicou alimentos, andou sobre as águas, curou várias pessoas, acalmou tempestades, mas a transformação do povo vinha por meio de Suas palavras, para aqueles que criam Nele ouvindo atentamente o que tinha a dizer. Não seria por isso que o Mestre tantas vezes recomendou: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça?” (Mt 13.9).

A necessidade de ouvir a Palavra e praticá-la é repetida dezenove vezes só em Mateus 13. A atenção concedida à Palavra pela boca de Cristo recebe vários conselhos: “Atentai no que ouvís” (Mc 4.24), “Vede, pois, como ouvís” (Lc 8.18).¹⁸ Justamente por isso é que Jesus assumiu Seu posto no lugar mais visível e audível da beira do mar, o barco. Sua intenção foi que todos ouvissem claramente a mensagem das Boas Novas vindas diretamente da boca de Deus. Palcos atuais devem prestar atenção a esses objetivos, para que possam realmente ser utilizados no serviço no Reino.

3. O MONTE DO SERMÃO

Mais uma vez, Jesus viu as multidões que vinham de várias partes da Galileia e começou a ensiná-las. Mas, dessa vez, subiu “ao monte” e, como era Seu costume e dos demais mestres, assentou-se para ensinar (Mt 5.1). No texto paralelo de Lucas 6.18, o escritor descreve o ambiente como “lugar plano”, onde toda a multidão se reuniu em torno do Mestre para ouvir Seus ensinamentos. Embora haja estudiosos que localizem os dois episódios como ocorridos em ocasiões diferentes, a interpretação não é problema, já que o termo grego traduzido como “lugar plano” ou “planura” pode significar “platô numa região montanhosa”.¹⁹

¹⁷ MARSHALL, Howard. *Teologia do Novo Testamento: diversos testemunhos, um só evangelho*. Tradução de Maria K. A. de Siqueira Lopes e Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 84.

¹⁸ WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. v. 1, p. 57.

¹⁹ WIERSBE, 2006, p. 248.

Desta forma, pode-se concluir que é possível que Jesus tenha utilizado a planície para que o povo se acomodasse, enquanto Ele mesmo se assentava em plano um pouco mais alto, ao pé do monte, junto à multidão. Essa é também a opinião de Pat e David Alexander, afirmando que o Sermão do Monte é “a primeira e mais longa das sessões em que Mateus reuniu o ensinamento de Jesus. Sentado na encosta do monte, com Seus seguidores à Sua volta, Jesus mostrou aos discípulos como viver”.²⁰

Ao que parece, a região que serviu de cenário para este importante grupo de ensinamentos chamado de “Sermão do Monte” pertencia ao distrito montanhoso, às margens do noroeste do lago de Tiberíades. Na véspera, Jesus tinha passado a noite em oração num lugar solitário, escolhido os doze apóstolos e já tinha realizado muitos milagres. Por causa disso, relacionando o poder e a personalidade de Jesus houve a excelente oportunidade de ensino, no “grandioso púlpito” que combinava com a importância de Suas palavras.²¹

O grupo que O ouvia era heterogêneo, formado principalmente por duas classes de pessoas: os discípulos que O conheciam mais de perto e as multidões. Estas eram formadas por pessoas que ainda não tinham um compromisso pessoal com o próprio Jesus nem com Sua mensagem.²² Mas, utilizando-se do palco naturalmente formado pela geografia do lugar, Jesus foi muito claro em Seus desafios de nova vida em conformidade com a vontade de Deus.

Ele começou chamando a atenção das pessoas para as declarações de quem seria abençoado e feliz (Mt 5.3-10), na primeira parte do sermão. Embora a multidão esperasse palavras de julgamento contra os opressores e idólatras, na segunda parte Jesus enfatizou o ensino ético, contrastando-o com as tradições legalistas dos escribas e fariseus. Finalmente, na terceira parte Jesus conta uma parábola para ressaltar a importância da prática do que foi ensinado, causando espanto nas multidões por causa da autoridade com que lhes falava.²³

Qual a diferença de Seu ensino quando comparado ao dos “mestres da lei”? A multidão claramente observou a principal diferença: Jesus ensinava com autoridade, e não como os mestres da lei (Mt 7.28-29). Por que estes, apesar de conhecerem a lei muito bem, não tinham autoridade? A forma como Jesus ensinava era igual à dos rabinos. Como estes, Ele se assentava e comentava as Escrituras. Mas a grande

²⁰ ALEXANDER; ALEXANDER, 2008, p. 555.

²¹ FILLION, 2008, p. 515.

²² MARSHALL, 2007, p. 90.

²³ BÍBLIA de estudo NVI, 2003, p. 1623.

diferença é que Jesus, em Sua interpretação, fala de Si mesmo e do testemunho que as Escrituras davam a Seu respeito. Exigências abstratas eram deixadas de lado, dando lugar a explicações a respeito da vontade do Deus vivo. “Eu, porém, vos digo” (Mt 5.22, 5.28 e outros) significa a vontade de Deus atingindo a vontade do homem, sem intermediários desnecessários.²⁴

Percebe-se, desta forma, que o monte usado por Jesus como palco, a partir do qual a multidão deveria ouvir Sua mensagem, transformou-se também em figura para a importância das ações como testemunho diante dos homens. As boas obras devem ser vistas por todos, para que todos possam glorificar o Pai, que está nos céus (Mt 5.16). Ao mesmo tempo, o final do Sermão do Monte compara dois tipos de construção, fáceis de serem visualizados. Todos ouviram as palavras, disse Jesus. Mas “quem ouve e pratica” constrói sua casa na rocha e não teme as tempestades. Ao mesmo tempo, “quem ouve e não pratica” terá sua casa destruída, pois a construiu edificada sobre a areia, que não representa firmeza (Mt 7.24-29). Jesus chama a atenção para o fato de que todos os presentes tiveram a oportunidade de ouvir o que estava sendo dito, principal função do palco. Mas a diferença estava no que seria praticado depois.

Algumas características importantes são evidentes no ensino público de Jesus. Ele falava sempre a verdade, apresentando assuntos de grande importância. Não havia lugar para trivialidades ou brincadeiras, pois Suas palavras falavam a respeito de vida ou morte. As pregações eram sistemáticas, sem divagações, fazendo uso de exemplos concretos e ilustrações fáceis de serem entendidas. Falava como quem ama as pessoas, preocupando-se com seu bem-estar eterno. Sua autoridade vinha do fato de Suas palavras virem diretamente de Deus e apontarem-No.²⁵

Dos palcos em que Jesus estava as multidões obtinham verdadeiro alimento espiritual, com mensagens tão claras que era impossível não entender o caminho que leva ao Pai. E, ao final do extenso Sermão do Monte, ainda mostra um confronto entre dois tipos de pessoas, que frequentemente se parecem: ambos ouvem a Palavra, tem a mesma aparência, mas os fundamentos são diferentes. E não se pode ver, de fora, os fundamentos. Só uma tempestade revelará a verdade. Portanto, nada pode substituir a obediência ou a prática das palavras de Jesus.²⁶

²⁴ ALLMEN, 2001, p. 147.

²⁵ HENDRIKSEN, 2001, p. 541.

²⁶ STOTT, John R. W. *A mensagem do sermão do monte: contracultura cristã*. 3. ed. Tradução de Yolanda M. Krievin. São Paulo: ABU, 2001. p. 220-221.

Esta é também uma diretriz dada por Jesus aos palcos atuais: a mensagem das Boas Novas deve confrontar os que obedecem a Palavra e os que a apreciam mas não seguem suas regras. Não houve receio, por parte do Mestre, em subir ao palco improvisado e chamar a atenção das pessoas para a necessidade de serem genuínas na sua fé. Talvez, contextualizando para os dias atuais, houvesse o medo de perder parte do auditório, já que a verdade das Boas Novas não é sempre agradável aos ouvidos de quem não crê. Mas Jesus deixou o exemplo de que, do palco, deve ser dita a verdade bíblica, sem encobrir suas implicações nem mesmo disfarçar suas dificuldades.

4. O TEMPLO DE JERUSALÉM

Nos anos de 20-29 a.C., o Rei Herodes começou a demolir o antigo templo, mais modesto, erguido pelo povo logo após o exílio da Babilônia, edificando um enorme templo em seu lugar, em mármore e ouro. Ainda não estava pronto nos dias de Jesus; havia operários trabalhando nos seus acessórios. O edifício todo ficou pronto em 62-64, pouco antes de ser destruído novamente. Ocupava mais ou menos 14 hectares. Era dividido em átrios ou pátios para homens, gentios e outro para mulheres, de onde Jesus provavelmente viu a viúva que dava sua oferta (Mc 12.41-44).²⁷

Embora Jesus tenha estado anteriormente na cidade de Jerusalém, solenemente avisou a seus discípulos de que aquela seria uma viagem especial, com o objetivo de cumprir os escritos proféticos a respeito do Filho do Homem (Lc 18.31-32). Já perto da cidade, no domingo anterior a Sua morte, acontece Sua entrada triunfal. No dia seguinte, segunda-feira, há a maldição da figueira (Mt 21.18-19 e Mc 11.12-14) e a purificação do templo (Mt 21.12-13 e Mc 11.15-18), passando, então, a ensinar no próprio templo, na terça-feira (Mt 21.28-23.39, Mc 12.1-44, Lc 20.9-21.4).²⁸

Havia muitos peregrinos na cidade naqueles dias, justamente pela proximidade da Festa da Páscoa. Os mercadores sentiam-se livres para irem até os lugares sagrados com seus animais, fazendo com que o pátio dos gentios se tornasse em uma verdadeira feira livre. Em mesinhas, perto dali, os cambistas trocavam moedas visando ao alto lucro.²⁹ Repentinamente, Jesus derruba a mesa dos cambistas e as cadeiras dos que negociavam pombas e os expulsa dali. Mas, de acordo com Mateus, em seguida curou cegos e mancos que se aproximaram Dele no templo (Mt 21.12-

²⁷ ALMENN, 2001, p. 566-567.

²⁸ BÍBLIA de estudo NVI, 2003, p. 1664.

²⁹ FILLION, 2008, p. 352.

14). De acordo com Lucas, “todos os dias ensinava no templo”, provocando a ira dos sacerdotes e outros líderes (Lc 19.47).

Este palco improvisado foi corajosamente utilizado por Jesus para demonstrar Sua indignação quanto à exploração dos peregrinos. Havia ainda o agravante de que as autoridades do templo estavam permitindo que este, que deveria ser um lugar santo, se transformasse em abrigo de ladrões ou malfeitores que lá negociavam. Provavelmente havia tal confusão que era impossível orar.³⁰ Por isso, Sua palavra deixa claro que o objetivo do lugar, que era ser “casa de oração”, estava longe de ser respeitado.

Jesus não alterou Sua disposição depois deste acontecimento, mas imediatamente retornou ao Seu objetivo: curar e ensinar a respeito de Deus. Mas Suas ações incitaram os saduceus e os sacerdotes, já que eram eles os responsáveis pela administração do templo. Jesus havia “desafiado os fundamentos do seu sistema e a distinção que eles faziam entre o povo de Deus ‘limpo’ e ‘justo’ e os que não o eram”. A partir dali, os grupos mais poderosos uniram suas forças contra o inimigo comum: o Filho de Deus.³¹

Isto não intimidou Jesus, que continuou firmemente no palco: na terça-feira, ensina no templo e é ungido em Betânia. Na quarta-feira, é firmado o acordo conspiratório de Judas e no dia seguinte acontece a última ceia.³²

Mesmo com a aproximação do Seu sofrimento, Jesus aproveitou todas as oportunidades para ensinar o caminho certo. Diante da admiração dos discípulos pelo luxuoso templo, avisou que ele não duraria (Lc 21.5-6), avisou-os dos Seus próprios sofrimentos e tribulações e falou do final dos tempos (Lc 21.36). Sua influência era grande: Jesus passava o dia no templo ensinando, orava à noite no Monte das Oliveiras e voltava pela manhã, pois “todo o povo ia de manhã cedo ouvi-lo no templo” (Lc 21.38).

Esta última parte do ministério de Jesus nos palcos improvisados traz enormes e importantes lições para os palcos evangélicos atuais. Jesus não temeu revelar o que estava errado, mesmo com a indignação dos líderes religiosos que mantinham o poder em suas mãos. Também não se ateu ao que o indignava, mas continuou o Seu ministério, mesmo em meio à conspiração que envolvia um de seus discípulos. Nada

³⁰ COMENTÁRIO bíblico Broadman: Novo Testamento. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. Rio de Janeiro: JUERP, 1986. v. 8, p. 249.

³¹ COMENTARIO bíblico Broadman, 1986, p. 250.

³² BÍBLIA de estudo NVI, 2003, p. 1663.

O afastou do ensino da Palavra de Deus e das curas que o acompanhavam, para que a multidão entendesse quem Deus é.

Depois do palco improvisado do templo, Jesus retirou-se com os discípulos para a celebração da Última Ceia e, em seguida, foi preso e crucificado. O tempo do palco havia cessado e Ele não mais falou às multidões: pelo contrário, diante das acusações, não se defendeu, pois sabia que havia chegado o tempo de Sua morte e ressurreição.

CONCLUSÃO

Estar em um palco para pregar a Palavra de Deus é uma grande responsabilidade para o cristão. Muito da seriedade exigida pelo próprio Deus para essa missão está sendo deixada de lado, com pregações e apresentações inúteis e vazias, que não oportunizam ao mundo o conhecimento real do Evangelho. John Stott afirma que esse fato faz com que os jovens que procuram o significado das coisas certas o procurem nos lugares errados. O primeiro lugar em que deveriam procurar é a igreja, mas o que se vê nela é o conformismo com a sociedade, acompanhado da contradição de sua própria identidade.³³

Olhando os palcos de Jesus, tanto nas sinagogas quanto os improvisados nos barcos ou no monte, percebe-se que Ele valorizava o momento do ensino como ninguém. Não ocupou o tempo com trivialidades nem com diversão, mas com a consistência da doutrina que fazia o povo conhecer Deus. E, mesmo na proximidade da traição, do sofrimento e da morte, acompanhado de violenta rejeição por parte da liderança que deveria apoiá-Lo, não deixou de cumprir Sua missão no templo de Jerusalém.

Palco cristão é um ministério muito importante que deve ser acompanhado de grande reverência e seriedade, sendo utilizado por quem realmente for dirigido pelo Espírito Santo no cumprimento de Sua missão na Terra. Deve estar completamente preenchido pelo mais puro Evangelho, não o que se conforma com o mundo, mas o que confronta o que o contradiz e faz contraste com outras cosmovisões ou convicções das pessoas.³⁴

Justamente por isto, os palcos que Jesus ocupou são um exemplo claro de Seus objetivos e formas. Com amor, vendo as multidões como sem direção, necessitando de uma mensagem clara e específica para saírem de seus enganos religiosos, a mensagem foi sendo pregada, ensinada e demonstrada. Esse deveria ser o papel final dos palcos atuais.

³³ STOTT, 2001, p. 3.

³⁴ WRIGHT, 2012, p. 235.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Pat; ALEXANDER, David. **Manual bíblico SBB**. Tradução de Lailah de Noronha. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

ALLMEN, Jean-Jacques Von (Org.). **Vocabulário bíblico**. 3. ed. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 2001.

BARBOSA, Gilson. **A importância da sinagoga na cultura judaica**. Disponível em: <<http://www.icp.com.br/83contexto.asp>>. Acesso em: 1º fev. 2014.

BERGER, Klaus. **Hermenêutica do Novo Testamento**. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

BÍBLIA de estudo NVI. Tradução das notas: Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2003.

COMENTÁRIO bíblico Broadman. **Novo Testamento**. 2. ed. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. Rio de Janeiro, JUERP, 1986. v. 1.

DAVIS, John D. **Dicionário da Bíblia**. 13. ed. Tradução de J. R. Carvalho Braga. Rio de Janeiro: JUERP, 1987.

FILLION, Louis-Claude. **Enciclopédia da vida de Jesus**. Tradução de Jefferson Magno Costa, João Lira e Reginaldo de Souza. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2008.

GARDBER, David. **Costumes hebraicos**. Disponível em: <http://www.palavraprudente.com.br/estudos/robert_j/costumehebraico/cap03.html>. Acesso em: 03 fev. 2014.

GUSSO, Antonio Renato. A contribuição da sinagoga para o desenvolvimento do cristianismo. **Via teológica**, Curitiba, n. 5, jul. 2002.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: Mateus**. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. v. 1.

LOPES, Hernandes Dias. **A importância da pregação expositiva para o crescimento da igreja**. São Paulo: Candeia, 2004.

MARSHALL, Howard. **Teologia do Novo Testamento: diversos testemunhos, um só evangelho**. Tradução de Maria K. A. de Siqueira Lopes e Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2007.

MORRIS, Leon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2003.

STOTT, John R. W. **A mensagem do sermão do monte: contracultura cristã**. 3. ed. Tradução de Yolanda M. Krievin. São Paulo: ABU, 2001.

VIOLA, Franz A. **Cristianismo pagão: a origem das práticas de nossa igreja moderna**. Tradução de Railton de Souza Guedes. Estados Unidos: Present Testimony Ministry, 2005.

WHITE, James F. **Introdução ao culto cristão**. Tradução de Walter Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo: Novo Testamento**. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. v. 1.

WRIGHT, Christopher. **A missão do povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da Igreja**. Tradução de Valéria Coicev. São Paulo: Vida Nova, 2012.